

Seção Pensamentos e Idéias

OS LUGARES DO LEITOR, OS ESPAÇOS DE LEITURA: Das escolhas às práticas

THE READER'S SIDES, THE READING SPACES: FROM CHOICES TO THE PRACTICES

Manuela Cunha de Souza⁶⁰

RESUMO

Pensar o leitor para além do estereótipo ideal, prefigurado como o sujeito que vive em ambiente propício à leitura, que lê os cânones, é uma maneira de ampliar o conceito de leitura tradicional, desfazendo preconceitos e equívocos. Nesse sentido, este artigo visa discutir alguns aspectos que permeiam os lugares do leitor, seus espaços e repertório de leitura. São discutidos os conceitos e preconceitos que circulam sobre a figura do (não)leitor, valorando-o a partir das suas escolhas de leitura, dessa forma, desconsiderando a pluralidade de suportes, formas e lugares de ler. Ao invés da simples decodificação do verbal escrito, o ato de compreensão e interpretação forma o leitor e caracteriza o ato de ler, ressaltando que o conceito tradicional de leitura deve ser revisto. Pode-se ler um texto, uma figura, uma fotografia; pode-se ler em diversos locais de várias maneiras: na escola, em casa, sozinho, em grupo; pode-se selecionar vários tipos de textos: do cânone à literatura marginal, uma receita, um poema; enfim, compreender que não há uma única forma de se ler é um primeiro passo para a desmistificação da sacralização do leitor. Ao desconsiderar a valorização do cânone e do conceito tradicional de leitura, pode-se compreender que não existe um comportamento universal de leitor. Sendo assim, não há uma fórmula de tornar-se leitor, cada indivíduo possui um percurso único que o torna singular.

Palavras-chave: Leitura; Leitor; Prática; Formação

⁶⁰Mestranda em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: manuelacsouza@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Um quadro, uma fotografia, um filme, um olhar, um sorriso, um livro: são múltiplos os suportes de leitura. Na escola, em casa, no ônibus: são tantos os espaços para se ler. Em pé, deitado, de bruços, sentado: são vários os ritos do leitor. Há uma gama de temas para leitura em Romances, textos de suspense, jornalístico e religioso. Por prazer, por obrigação, por indicação: há infinitas razões para se ler. Enfim, há múltiplas formas de ler, espaços de leitura e, também, intencionalidades – podendo até co-ocorrer algumas. Ler transcende a decodificação de caracteres em compêndios, vai além das páginas dos clássicos, ultrapassa as barreiras do mero adquirir conhecimento.

Os lugares em que se lê são dos mais variados, porém um espaço em que há séculos é destinado à leitura é a biblioteca. Esta, por sua vez, pode pertencer a uma instituição ou a uma família, variar na seleção, na quantidade, na organização. Uns consideram que esse é um espaço para emprestar livros, outros entendem que seja um lugar bom para a própria leitura, seja pelo silêncio do ambiente, ou um clima que envolve o leitor, fazendo-o se sentir rodeado de livros como espectadores da sua entrada no mundo em que a leitura irá lhe transpor. Além disso, há livros de lazer, livros de direito, livros de culinária, livros míticos, uma infinidade de tipos, formatos, autores, conteúdos e, por que não dizer, leitores também. Para além das paredes das bibliotecas, as pessoas leem em diversos espaços, variados textos, em seus mais diferentes suportes, com múltiplas intenções.

A sacralização da leitura, bem como sua redução a apenas a leitura dos textos canônicos, faz com que sociedade desconsidere os múltiplos modos de ler. Pode-se ler um desenho, um quadro, a expressão corporal, por exemplo. Considerando o suporte escrito, lê-se um livro de Machado de Assis, gibis, poemas, contos, um blog de internet etc. Sendo assim, verifica-se que a leitura não se resume ao suporte escrito.

Pensando nisso, este trabalho propõe-se a refletir sobre o leitor, à luz da sociologia da leitura, estabelecendo um diálogo entre diferentes concepções de leitura e leitor. Para tanto, serão abordadas questões relativas às escolhas de leitura, quem seria o leitor (ou o não-leitor) e os lugares de leitura.

2 QUEM É O LEITOR?

Não há uma receita para ser leitor. Não existe nem a ideia de ser não leitor, se considerarmos que lemos um olhar, um sorriso, transcendendo a leitura de livros. Além disso, segregar o que seria o bom leitor e o mau leitor é estabelecer arbitrariamente, ou melhor, a partir da concepção das instâncias legitimadoras o que deve ou não ser lido (ABREU, 2006). Grande equívoco. Ao desqualificar umas leituras, dando *status* a outras, isto gera o valor de melhor ou pior texto, desconsiderando as múltiplas práticas de leituras (ABREU, 2003), reduzindo o conceito de leitor.

2.1 “Tipos” de leitores

A ideia de ler para ampliar conhecimentos é uma imagem pragmática da leitura, como se esta fosse algo produtivo e não como fim em si mesma. Na realidade, essa é a visão mais comum sobre a leitura. Ferreira (2001) elencou classificações dos leitores a partir da intenção de leitura de seus alunos. Pode-se perceber que a maioria dos pesquisados encara a leitura somente do ponto de vista didático, sendo assim leitores aprendizes. Porém, existe o leitor que faz apologia ao prazer de ler e contesta o discurso da obrigação. Tem-se também o leitor viajante, que busca na leitura uma forma de viver uma fantasia se isolando da realidade, “encarnando” os personagens do livro. Além destes leitores, existe, segundo a mesma autora, o leitor autêntico que lê por paixão.

Paradoxalmente, há a leitura por obrigação. Esse leitor escolarizado ou leitor-aluno ou leitor não-leitor lê apenas para cumprir obrigações para com a

sua instituição de ensino ou não lê por achar que tem coisas mais importantes a fazer. Esse aluno é o que mais incomoda ao professor, pois este acaba crendo que sua metodologia educacional é falha. Pode-se ler para socializar, como quando uma criança pequena, que ainda não sabe ler, ouve as histórias da sua família como se fossem livros orais. Alguns educandos acreditavam que os livros por si só exerciam o poder mágico de atrair o leitor, porém com o passar do tempo descobriram que ninguém nasce sabendo ler, isto é um processo de aprendizagem, ou melhor, de formação do leitor.

Assim, foi possível perceber que os leitores podem ser agrupados em categorias de acordo com sua intenção leitora. Nesse sentido, é importante abordar um pouco mais sobre os sujeitos denominados não-leitores, buscando refletir a pertinência do uso desse termo.

2.2 O (não) leitor e seus (pre)conceitos

É notório que, no Brasil, há um alto índice de crianças e adultos que não sabem decodificar os signos escritos, além dos analfabetos funcionais, que são os indivíduos que sabem decodificar os signos linguísticos, mas não conseguem compreender as ambiguidades e entrelinhas do texto. Segundo o Ibope, 75% (apud AZEVEDO, 2004) dos indivíduos acima de 15 anos não possuem o domínio pleno da leitura e da escrita. Para Azevedo (2004), os leitores são pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, independente da intencionalidade da leitura, seja ela por mero prazer estético, para obter conhecimento, motivos religiosos etc.

Podemos pontuar algumas possíveis causas para esses dados alarmantes sobre a leitura. “As escolas são inadequadas, poucos livros são vendidos, mal se lê no Brasil. Comentários pejorativos sobre a cultura letrada local incorporam-se ao senso comum, não requerendo mais qualquer tipo de comprovação” (ABREU, 2001, p.141). Deve-se levar em consideração também quando se afirma que o Brasil é um país de não-leitores, quem seria o real leitor. Por vezes, são desconsideradas as leituras não-canônicas, por serem

representadas como inferiores ou não-literatura. Assim, Abreu (2001, p. 152) afirma que

o desconhecimento das práticas efetivas de leitura realizadas no Brasil – ou sua negação – tem promovido equívocos desta natureza e fomentado uma mitificação da leitura associando-a a práticas [...] com todos os elementos que lhe são agregados: a ideia de conforto, intimidade, saber, tranquilidade, prazer.

A sacralização da leitura, bem como sua redução a apenas a leitura dos textos canônicos, faz com que a sociedade desconsidere os múltiplos modos de ler. Pode-se ler um desenho, um quadro, a expressão corporal, por exemplo. Considerando o suporte escrito, lê-se um livro de Machado de Assis, gibis, poemas, contos, um blog de internet etc.

2.3 A ESCOLHA: DA FRUIÇÃO À IMPOSIÇÃO

Uma das grandes questões em que o leitor, muitas vezes, vê-se dividido é a dicotomia que criaram entre prazer e conhecimento; ler ficção, livros literários e ler materiais apenas para instrução, como se eles não pudessem coexistir. Não se deve desconsiderar, entretanto, que os livros literários podem informar o leitor de uma realidade, um ponto de vista, bem como alguns livros acadêmicos geram a sensação de prazer ao leitor. Há uma linha que deslinda entre as múltiplas intencionalidades de leitura, já que um sujeito pode adquirir conhecimento e entreter-se com a leitura ao mesmo tempo.

Há livros que escolhemos por gostarmos do título, da capa, da diagramação; de outros tantos ouvimos falar, ou foi uma indicação. Existem também os que a instituição escolar impõe ao aluno. Há uma gama de livros de diversos tipos, formatos, autores e assuntos, e o que determina essa escolha é o contexto, a intenção. Nesse sentido, pode-se ler para

[...]obter informações, seguir instruções, aprender ou ressignificar conteúdos, navegar pela internet [...] entreter-se, transitar por outros tempos e lugares, reais ou imaginários, escapar à realidade, ou por prazer estético, dentre tantas razões que mobilizam o leitor, conforme seus múltiplos desejos [...] (CORDEIRO, 2004, p. 28).

Além da leitura de livros – dos clássicos aos considerados marginais –, lê-se outros tipos de textos em seus mais diferentes suportes. Negar as diversas práticas em detrimento de apenas uma maneira de ler e ser leitor é limitar-se a uma concepção elitista que implica reduzir a compreensão de leitura (ABREU, 2002).

Ler implica dominar a sintaxe (gramática), mas consoma-se na semântica (interpretação). Coloca-se questões ao texto, sobretudo questiona o próprio questionamento, porque reconstrói desconstruindo. Ler carrega consigo o que já lemos, é perpassado pelos legados de outras leituras, reestruturando-se em novo patamar. Ler não é absorver um texto, mas desfazê-lo na condição de sujeito, não de objeto de idéias alheias. (DEMO, 2006, p. 27).

Muitas pessoas leem para se instruir ou para se informar (ABREU, 2003). Não se pode esquecer, entretanto, que o texto literário possui múltiplas funções, indo do prazer à aquisição de conhecimento. A leitura de romances, por exemplo, gera identificação do leitor com os personagens, fazendo com que aqueles aprendam com as experiências destes, além de ampliar os conhecimentos históricos, geográficos, culturais etc.

Assim, todas as experiências e vivências, ao longo da nossa história, formam-nos leitores diferentes. Interpretar, compreender, interagir com o livro são características que estabelecem um vínculo formativo entre o texto e quem o lê. Logo, “leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura ideias e expectativas, reformula horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura bem feita ocorre sobre o signo do questionamento”

(DEMO, 2006, p. 27).

2.4 LUGARES DE LEITURA

Abreu (2002) compara pinturas de quadros que possuem sujeitos durante a prática de leitura. Notou-se que, durante o século XIX, os livros ocupavam uma posição muito importante na composição de retratos, indicando poder social e principalmente cultural. A maioria é de homens, bem vestidos, dentro de bibliotecas repletas de livros à sua volta, caracterizando seu universo à leitura de instrução. Já as mulheres são representadas, normalmente, em suas casas, sozinhas, lendo alguma obra com um leve sorriso no rosto, demonstrando a intenção de entretenimento na leitura. Atualmente, a leitura continua sendo sinônimo de status sociocultural, contudo, os espaços de leitura são múltiplos. Há uma gama de possibilidades com relação ao lugar em que se lê, porém um deles merece uma reflexão: a biblioteca.

É preciso ampliar a rede de bibliotecas e difundir a idéia de que esse pode ser um espaço de leitura, e não apenas de realização de tarefas escolares. Para tanto, é necessário pensar nos acervos que compõem as bibliotecas, dotando-os não só de enciclopédias, dicionários didáticos e paradidáticos, mas também de livros de entretenimento, de livros profissionais, de obras religiosas, de autoajuda etc. Em outras palavras, é preciso diversificar os acervos para que as mais variadas motivações de leitura possam ser atendidas no espaço das bibliotecas. (ABREU, 2003, p. 37).

Lê-se em diversos espaços, de acordo com a finalidade, com o momento ou simplesmente com o gosto do leitor. Alguns preferem o silêncio de uma biblioteca, outros gostam de ler ouvindo música, uns sentados, outros até em pé.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer leituras a partir dos ecos de textos, conversas partilhadas, reflexão, introspecção, discussão é uma nova e produtiva concepção de leitura. Independente do suporte, o que faz o leitor é o questionar, envolver-se e recriar sua visão de mundo.

Muito mais que o limite da simples decodificação, é transpor-se para o mundo da leitura em todas as possibilidades contidas no ato de ler, o que vai da palavra escrita até a contação de histórias. Como bem disse Demo (2006, p.27): “Leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura ideias e expectativas, reformula horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura bem feita ocorre sob o signo do questionamento, porque, quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona o que pensa”. Permitir que o leitor faça suas escolhas literárias, a partir não só do que lhe é imposto mas também do que lhe desperta, a fim de que a fruição e a interpretação sejam a principal razão da leitura, que é fundamental. Nessa perspectiva, é considerada a leitura no seu sentido mais amplo, compreendendo que essa leitura não se finda no livro.

É importante destacar que existem vários textos orais, artístico etc, que também precisam ser lidos, interpretados para serem compreendidos. Sendo assim, ser leitor é inquietar-se, interpretar letras, sons, imagens, gestos, muito além da concepção tradicional do que é ser leitor.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia . Diferentes formas de ler. In:_____PERUZZO, Cicilia M. K.;

ALMEIDA, Fernando Ferreira (Org.). **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002, v. , p. 125-135.

_____. Os números da cultura. In: RIBEIRO, Vera (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AZEVEDO, Ricardo. Formas literárias populares e formação de leitores. In:

BARBOSA, Márcia; RÖSING, Tânia; RETTENMAIER, Miguel (Org.). **Leitura, identidade e patrimônio cultural**. Passo Fundo: UPF, 2004.p. 155-9.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Itinerários de leitura no espaço escolar. **Revista da FAEEBA, Leitura e educação**, Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Departamento de educação, v. 1, n. 1, p. 95-102, jan./jun. 2004.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra Almeida. **Histórias de leituras**. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da (org.) **Entre Leitores: Alunos e Professores**. Campinas: Escrita Arte, 2001.